

Tópicos setoriais

A safra de 2008 e as previsões para 2009*

Vivian Fürstenau**

Economista da FEE

O Brasil tem demonstrado, ao longo das últimas décadas, uma capacidade permanente de crescimento de suas safras agrícolas. Parte desse desempenho decorre da incorporação de novas terras nas Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, mas os ganhos de produtividade têm sido o fator preponderante. No entanto, observações pontuais mostram uma instabilidade nos volumes das produções anuais. Na maior parte das vezes, essas variações são derivadas de problemas climáticos em uma ou várias regiões do País. Assim foi nos anos recentes, quando se teve, em 2000, uma produção de 81 milhões de toneladas de grãos¹, seguida, em 2001, por um salto no volume produzido, que chegou a 96 milhões de toneladas. Em 2002, houve um pequeno recuo na quantidade colhida e um novo salto bastante significativo em 2003.

A safra de 2003, considerada uma supersafra na época, com uma produção de 120 milhões de toneladas, poderia ser vista como um marco na história da agricultura brasileira recente. A colheita de um grande volume de grãos foi acompanhada de preços remuneradores ao produtor, gerando um clima de euforia no setor. O otimismo foi tanto que, na época, foram feitas previsões de que logo o País atingiria uma safra de 150 milhões de toneladas de grãos. Mas essa previsão desconsiderou um fator que tem sido extremamente relevante na produtividade das lavouras: o clima. O uso de tecnologia de ponta não tem sido suficiente para garantir a produtividade das lavouras, se as condições climáticas nas diversas etapas de desenvolvimento das culturas não forem favoráveis. Na safra de 2003, o excelente desempenho das culturas deveu-se a um aumento de 10% na área plantada com grãos e, mais do que tudo, a condições climáticas favoráveis nos diferentes estágios de desenvolvimento das lavouras em todas as regiões do

País. Tanto é verdade que a influência do clima é fator decisivo que, mesmo com aumento da área plantada em 2004 e uso da tecnologia disponível, a produção nacional recuou mais de 5% naquela safra. Em 2005 e 2006, o volume produzido também não atingiu o obtido em 2003. Assim, os investimentos feitos sob clima de euforia após a safra de 2003 não tiveram o retorno esperado e estão na base de parte dos problemas mais recentes de endividamento do setor agrícola.² Dessa forma, a safra de 2003 fica gravada não apenas pelo seu bom desempenho, mas também por ter induzido ao aumento do endividamento de muitos produtores agrícolas, que, até hoje, tentam renegociar suas dívidas. Foi só em 2007, com uma produção de grãos de 128 milhões de toneladas, que foi superado o volume produzido em 2003. E foi somente em 2008, com uma safra de 140 milhões de toneladas, que a produção brasileira se aproximou da previsão feita após a colheita de 2003 (Tabelas 1 e 2).

O Rio Grande do Sul apresentou, em 2003, um desempenho semelhante ao nacional, colhendo naquele ano a sua maior safra de grãos — 22 milhões de toneladas.³ A euforia decorrente da boa safra acompanhada de preços remuneradores também atingiu os produtores e os segmentos envolvidos nessa produção, no Estado. No entanto, aqui, a reversão das expectativas foi mais contundente: em 2004, houve uma redução de 21,53% em relação à quantidade colhida em 2003, mas o pior ainda estava por vir em 2005, quando a produção no Estado foi 11,5 milhões de toneladas. Neste último ano, houve uma redução de 10,91% na área cultivada, mas problemas climáticos durante todas as fases do

* Artigo recebido em 14 jan. 2009.

** E-mail: Vivian@fee.tche.br

¹ Os grãos considerados são: arroz, feijão, milho, soja e trigo.

² O endividamento dos produtores agrícolas vem de longa data, havendo renegociações recorrentes entre produtores e Governo. As dívidas originadas de investimentos baseados em avaliações exageradamente otimistas após a safra de 2003 somaram-se a esse quadro de inadimplência.

³ O volume colhido no Rio Grande do Sul poderia ter sido superado, se não houvesse ocorrido quebra na produção de arroz daquele ano, decorrente de excesso de chuvas praticamente em todo o período de cultivo do grão.

desenvolvimento das lavouras levaram a uma redução na produtividade de todos os grãos. As maiores quebras ocorreram nas produtividades do milho e da soja, que tiveram uma queda de mais de 50% em relação ao volume produzido em 2004. Aqui, os produtores também haviam investido em maior uso de tecnologia nas suas lavouras, e esse quadro de quebra da produção, aliado a reduções de preços de comercialização, no caso de alguns produtos, acabou por endividar sobremaneira os produtores gaúchos. Em 2006, houve uma recuperação na produção gaúcha, que apresentou taxas de crescimento superiores às observadas no País. E, em 2007, como no Brasil, foi colhida a maior safra de grãos do Estado — 24 milhões de toneladas. Esse desempenho não se repetiu no ano seguinte. Ao contrário do ocorrido no País, aqui no Estado a safra não apresentou crescimento — a produção gaúcha atingiu 22,6 milhões de toneladas (Tabela 3).

A redução no volume colhido pode ser explicada pela diminuição na área plantada, no caso do feijão, e/ou pela queda relativa na produtividade de algumas lavouras, especialmente a de soja, cuja produtividade foi reduzida pelo fenômeno La Niña, que teve efeitos mais intensos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. No entanto,

examinando-se a evolução das lavouras gaúchas nos últimos anos, verifica-se que, em 2008, mesmo com a redução em relação às produtividades obtidas em 2007, elas foram superiores às de 2006. Isso significa que a safra de 2007 foi excepcional, fato decorrente de condições climáticas extremamente favoráveis durante todas as fases de desenvolvimento das lavouras. Assim, a safra de 2008, apesar de apresentar redução em relação à de 2007, pode ser considerada bastante satisfatória. Até porque, no Rio Grande do Sul, uma safra de mais de 22 milhões de toneladas de grãos só havia ocorrido em 2003 e, diferentemente de outras regiões, aqui no Estado não há como incorporar novas terras ao processo produtivo. Mais ainda, as condições climáticas no sul do País, em geral, são mais adversas às lavouras de verão do que as encontradas, por exemplo, na Região Centro-Oeste. No caso das culturas de inverno no Estado, tem-se que a produção de trigo apresentou crescimento de produção e produtividade, apesar das perdas ocasionadas pela queda de granizo poucas semanas antes da colheita (Tabela 4).

Tabela 1

Produção de arroz, feijão, milho, soja e trigo no Brasil — 2000-08

(t milhões)

PRODUTOS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Arroz (em casca)	11,13	10,18	10,45	10,33	13,28	13,19	11,53	11,04	12,07
Feijão (em grão)	3,06	2,45	3,06	3,30	2,97	3,02	3,46	3,24	3,49
Milho (em grão)	32,32	41,96	35,94	48,33	41,79	35,11	42,66	51,85	58,74
Soja (em grão)	32,82	37,91	42,11	51,92	49,55	51,18	52,46	58,04	59,92
Trigo (em grão)	1,73	3,37	3,11	6,15	5,82	4,66	2,48	4,11	5,78

FONTE: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

Tabela 2

Área colhida de arroz, feijão, milho, soja e trigo no Brasil — 2000-08

(ha milhões)

PRODUTOS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Arroz (em casca)	3,66	3,14	3,14	3,18	3,73	3,92	2,97	2,89	2,86
Feijão (em grão)	4,33	3,45	4,14	4,09	3,98	3,75	4,03	3,83	3,80
Milho (em grão)	11,89	12,34	11,76	12,97	12,41	11,55	12,61	13,82	14,42
Soja (em grão)	13,66	13,99	16,36	18,52	21,54	22,95	22,05	20,61	21,28
Trigo (em grão)	1,14	1,73	2,10	2,56	2,81	2,36	1,56	1,85	2,37

FONTE: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

Tabela 3

Produção de arroz, feijão, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — 2000-08

(t milhões)

PRODUTOS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Arroz (em casca)	4,98	5,26	5,49	4,70	6,34	6,10	6,78	6,34	7,37
Feijão (em grão)	0,15	0,14	0,15	0,14	0,13	0,08	0,12	0,14	0,10
Milho (em grão)	3,94	6,13	3,90	5,43	3,38	1,49	4,53	5,97	5,32
Soja (em grão)	4,78	6,95	5,61	9,58	5,54	2,44	7,56	9,93	7,77
Trigo (em grão)	0,88	1,08	1,13	2,40	2,06	1,39	0,82	1,72	2,03

FONTE: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

Tabela 4

Área colhida de arroz, feijão, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — 2000-08

(ha milhões)

PRODUTOS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Arroz (em casca)	0,94	0,95	0,98	0,96	1,04	1,01	1,02	0,94	1,07
Feijão (em grão)	0,18	0,15	0,16	0,16	0,14	0,11	0,12	0,12	0,10
Milho (em grão)	1,49	1,67	1,43	1,42	1,20	0,97	1,40	1,36	1,38
Soja (em grão)	3,00	2,97	3,30	3,59	3,97	3,73	3,86	3,89	3,83
Trigo (em grão)	0,55	0,61	0,79	1,06	1,12	0,84	0,61	0,85	0,98

FONTE: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

A comercialização da safra de 2008

Se a evolução da produção de grãos foi satisfatória no Brasil e no RS, o mesmo não pode ser dito da comercialização dessa safra. No início de 2008, o cenário era de preços ascendentes, gerando discussões e posições de dirigentes de organismos internacionais, às vezes bastante radicais, sobre a utilização de grãos para a produção de biodiesel. Havia, na época, uma preocupação com os efeitos da produção de biodiesel sobre a chamada “crise dos alimentos”, decorrente da pressão altista nos preços de algumas *commodities*. O que existe de concreto com relação à questão é que os estoques internacionais de grande parte dos grãos vinham sendo reduzidos ano a ano, chegando, em 2008, a patamares semelhantes aos existentes nos anos 80. Examinando a evolução desses estoques, pode-se verificar que há um movimento cíclico na sua composição. Após um período de preços baixos e conseqüente falta de estímulo

ao crescimento da produção, qualquer aumento de demanda compromete os estoques. A diminuição da oferta pressiona os preços para cima e, em decorrência, incentiva a produção. Aumento da produção é igual à recomposição dos estoques.

Assim, no início do ano, quando foram iniciadas as colheitas de alguns grãos, a tendência dos preços era de crescimento. Em plena safra no Brasil, o preço internacional do arroz foi o maior dos últimos 20 anos (ZH, 2 abr. 2008), decorrente da diminuição dos estoques internacionais (Tabela 5).

A pressão sobre os preços internos foi tal que o Governo, preocupado com a inflação, resolveu antecipar os leilões de venda do arroz estocado pela Companhia Brasileira de Abastecimento (Conab), com o objetivo de segurar os preços.⁴ O efeito do primeiro leilão foi o inverso

⁴ Usualmente, a venda dos estoques da Conab ocorre no segundo semestre, período de entressafra, quando a produção nas mãos dos produtores já é menor, havendo possibilidade de aumento dos preços de comercialização.

do esperado, com preços de venda acima da média de preços praticados pelo mercado. Houve novo leilão no final de maio, mas os preços não cederam. Do ponto de vista dos produtores, o momento era muito positivo, com a recuperação do seu faturamento, o que há muitos anos não ocorria.

A comercialização da soja também apresentava preços remuneradores ao produtor. Apesar da valorização do real frente ao dólar, os preços internos atingiram níveis considerados altos, em decorrência do maior preço no mercado internacional dos últimos 160 anos (ZH, 4 jul. 2008, p. 26).

Tendo em vista uma redução generalizada dos estoques internacionais de grãos, o milho e o trigo também apresentavam preços remuneradores nas vendas internacionais, o que influenciou os preços internos. No caso do trigo, a situação de aumento dos preços agravou-se com a restrição das exportações da Argentina, habitual fornecedor do cereal ao Brasil. O quadro de crescimento dos preços atingiu também a comercialização de feijão, provavelmente decorrente de um aumento mais do que proporcional da demanda, já que a produção no País apresentou crescimento.

Tabela 5

Preços recebidos pelo produtor de arroz, feijão, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — jan./07-set./08

MESES	ARROZ (EM CASCA)	FEIJÃO (EM GRÃO)	MILHO (EM GRÃO)	SOJA (EM GRÃO)	TRIGO (EM GRÃO)
Jan./07	21,44	42,46	16,57	26,63	24,44
Fev./07	19,60	35,29	16,74	27,68	23,55
Mar./07	20,19	37,39	17,07	27,85	23,93
Abr./07	20,40	35,24	16,19	27,40	24,02
Mai./07	20,52	41,86	16,33	26,66	24,04
Jun./07	20,19	43,79	16,50	27,19	24,61
Jul./07	20,76	44,15	16,38	27,80	25,81
Ago./07	21,84	46,90	16,73	29,92	26,79
Set./07	23,24	48,16	19,98	33,49	28,67
Out./07	22,75	54,38	21,28	35,12	28,53
Nov./07	21,13	55,67	21,81	36,17	25,49
Dez./07	22,02	75,89	25,04	38,65	24,98
Jan./08	23,02	103,64	23,63	41,68	24,62
Fev./08	24,54	107,14	22,93	44,13	25,95
Mar./08	22,88	118,53	23,52	42,87	29,13
Abr./08	26,02	114,61	23,79	43,98	32,30
Mai./08	32,57	125,00	24,57	43,77	33,45
Jun./08	33,25	123,40	24,12	48,56	32,80
Jul./08	32,68	125,79	25,37	49,69	32,47
Ago./08	32,42	123,64	22,82	39,94	27,95
Set./08	31,73	125,83	22,39	43,15	26,53

FONTE: Emater.

As estimativas para a safra de 2009

No momento do plantio da safra de verão, tanto produtores como representantes governamentais manifestavam preocupação com a falta e o conseqüente aumento no preço dos insumos, especialmente de fertilizantes. O temor, por parte do Governo, de que a escassez mundial de insumos agrícolas fosse um limitador para o aumento da produção de alimentos e de que essa escassez onerasse sobremaneira a produção brasileira levou o Ministro da Agricultura a anunciar estudos para isentar da Tarifa Externa Comum (TEC) a matéria-prima para os fertilizantes (ZH, 7 maio 2008, p. 30).

Foi nesse cenário que o Governo anunciou o Plano-Safra 2008/09. Temendo por maiores pressões sobre os preços que pudessem comprometer o controle da inflação, optou por aumentar a disponibilidade de recursos para financiamento da safra. O total liberado seria de R\$ 78 bilhões, dos quais R\$ 65 bilhões para a agricultura empresarial e R\$ 13 bilhões para a familiar. O montante representa R\$ 8 bilhões a mais do que o liberado para a safra 2007/2008.

Apesar dos receios de que a safra brasileira de grãos em 2009 pudesse ser comprometida pela alta nos preços dos insumos, no momento das decisões de plantio, o quadro de comercialização da produção mantinha-se animador, ou seja, os preços da maior parte dos produtos ainda apresentavam tendência de alta. Mas, a partir do agravamento da crise norte-americana, com a quebra de bancos, a queda das ações na Bolsa e a explicitação do comprometimento financeiro de grandes empresas ao redor do mundo, houve uma reversão no movimento dos preços das *commodities*. Os preços da soja no mercado internacional logo apresentaram os reflexos da crise, de um lado, pelos prognósticos de recessão e, de outro, pela saída dos fundos especulativos do mercado futuro, caindo significativamente. Mas a desvalorização do real frente ao dólar compensou parte da queda, e o preço recebido pelos produtores brasileiros não variou na mesma proporção. Os preços dos grãos comercializados no mercado interno, como o arroz e o feijão, levaram mais tempo para apresentar redução em seus preços. Em suma, as decisões de plantio foram tomadas num quadro de alta dos preços dos insumos, mas de preços remuneradores ao produtor. Mesmo assim, tendo-se em vista o alto preço de alguns insumos, especialmente fertilizantes, os produtores têm optado pela redução da quantidade utilizada desses produtos, o que poderá comprometer a produtividade das lavouras (Gráfico 1).

Justamente no momento do plantio, há a reversão nos preços. No RS, o quadro ainda pode ser agravado pela seca, que já se configurou em algumas regiões do Estado, atrasando o plantio de soja e gerando perdas na lavoura de milho. A situação dos produtores de trigo é ainda mais grave: o aumento da área plantada e o bom desenvolvimento das lavouras haviam criado perspectivas positivas para essa produção. No entanto, no início da colheita, o excesso de chuvas comprometeu a qualidade e o rendimento das lavouras.

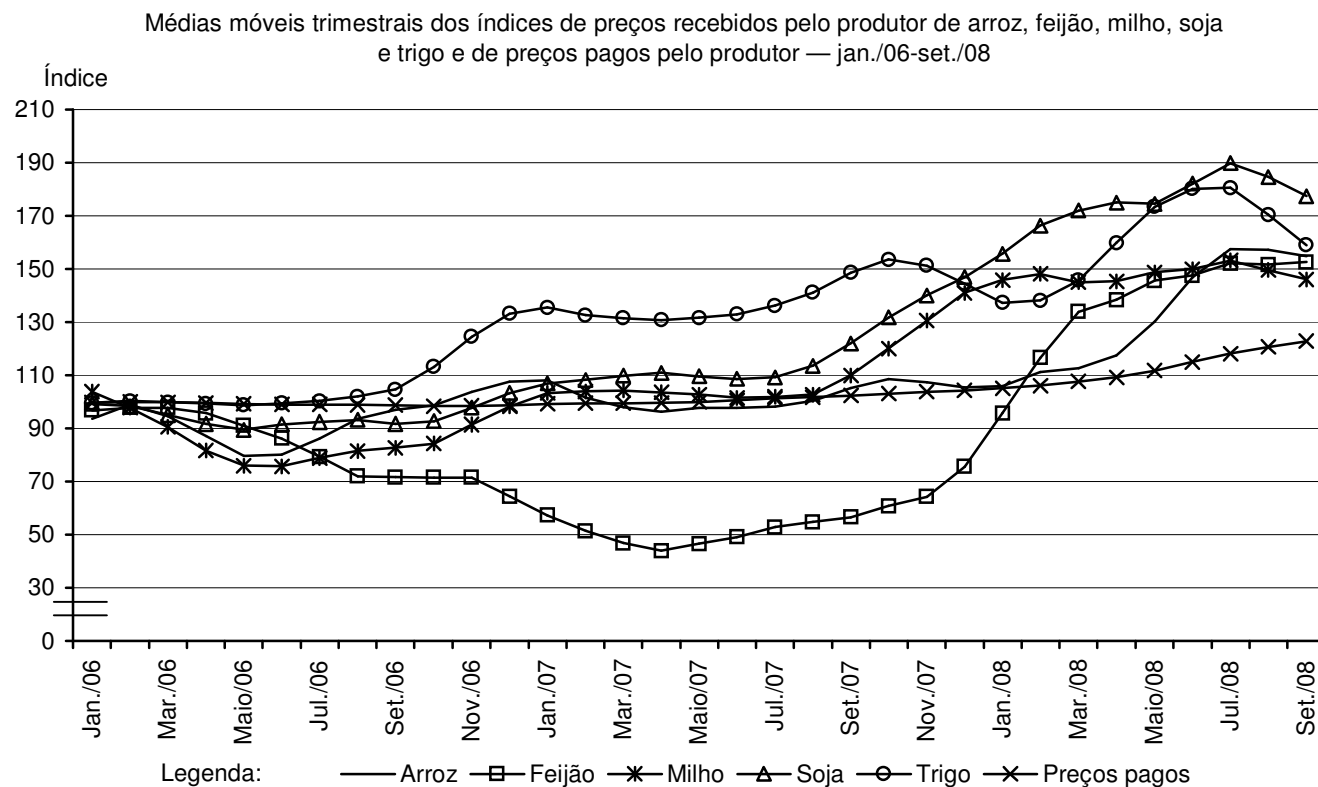
De acordo com o primeiro levantamento da Conab (out./08), as estimativas para a safra 2008/2009 no Brasil indicavam a possibilidade de uma pequena redução na área plantada com arroz e previsão de diminuição na cultivada com milho. Com relação à produção, o levantamento inicial apontava a retração no volume colhido de milho (Conab, out. 2008).

No Rio Grande do Sul, o mesmo levantamento apontava a manutenção ou o crescimento da área plantada: no caso do feijão, aumento entre 7% e 9%; e, no de trigo, em torno de 20%. A produção gaúcha de arroz manter-se-ia estável, a de feijão cresceria em torno de 15%, a de milho teria redução, a de soja cresceria de 4% a 5%, e a de trigo, 40%.

Mesmo com as perspectivas tornando-se mais sombrias com o aprofundamento da crise mundial, o segundo levantamento (nov./08) mantinha previsões semelhantes às divulgadas no boletim anterior. Em alguns casos, como o da produção nacional de arroz, as estimativas passaram a ser mais otimistas. Com relação à produção de milho, os prognósticos apontam uma redução ainda maior do que a prevista anteriormente, e a produção de soja passa a apresentar uma possibilidade de redução da produção (Conab, nov. 2008).

O terceiro levantamento (dez./08) aponta no mesmo sentido do anterior: aumento na produção de arroz, feijão e trigo e redução na produção de milho e soja (Conab, dez. 2008).

Gráfico 1



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Emater.

FGV dados.

NOTA: Valores calculados a partir de índice com base jan./06 = 100.

Referências

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO — CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos 2008/09:** primeiro levantamento. Brasília, out. 2008.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO — CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos 2008/09:** segundo levantamento. Brasília, nov. 2008.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO — CONAB. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos 2008/09:** terceiro levantamento. Brasília, dez. 2008.

ZERO HORA. Porto Alegre: RBS, 2 abr. 2008. p. 24.

ZERO HORA. Porto Alegre: RBS, 7 maio 2008. p. 30.

ZERO HORA. Porto Alegre: RBS, 4 jul. 2008. p. 26.